

VIVER ANGOLA

Helena Leitão de Barros

Um país é feito de pessoas e Angola para mim é, antes de tudo, os angolanos. São eles que transformam a experiência que temos do país rico em recursos naturais e belas paisagens. Angola tem 25 milhões de habitantes, aproximadamente, e uma grande diversidade cultural e etnolinguística - com valores, tradições e costumes que não param de nos surpreender.

Vou aqui tentar evocar vivências pessoais, marcantes, que me parecem a melhor forma de falar da ideia que tenho de Angola – um país em que tudo é possível, onde tudo pode acontecer e nos deixa sem palavras.

ENTREVISTAS INESPERADAS

Vivi duas situações hilariantes, e bem expressivas da flexibilidade angolana, em Saurimo (província da Lunda Sul) e no Kuito (província do Bié).

Em Saurimo, fui fazer uma apresentação ao Governo Provincial de um estudo realizado pela empresa onde trabalhava e quando estava na pista do aeroporto para entrar para o avião, vejo uma pessoa a cor-

rer e a chamar-me. Era um jornalista da rádio local, que não tinha conseguido entrevistar-me no Governo Provincial e que não hesitou em fazer a entrevista junto à escada de acesso ao avião. Quando dei conta, já estavam todos a bordo e a tripulação esperava que a entrevista terminasse para seguir viagem para Luanda.

Uma outra vez, em junho de 2011, na cidade do Kuito, onde estava a trabalhar com uma outra colega, reparámos que todas as pessoas nos cumprimentavam, como se nos conhecessem desde sempre. Num fim de semana, decidimos aceitar o convite para um espetáculo de música em homenagem às mulheres angolanas. As artistas eram cantoras angolanas jovens, de que nunca tinha ouvido falar. A lotação estava esgotada, embora a maioria dos lugares fosse sentado. No intervalo do espetáculo, um jornalista da rádio local veio diretinho a mim, estava determinado a fazer-me uma entrevista sobre o espectáculo. Expliquei que não era a pessoa mais indicada para a entrevista, não conhecia as artistas. A resposta do jornalista foi “eu ajudo”. E começou a fazer-me perguntas sobre as cantoras. Como eu não sabia responder, ele cortava a gravação e sugeria que eu respondesse o que ele me dizia. Grande entrevista a que o jornalista responde pelo entrevistado...

NEM TUDO O QUE PARECE É

Em 2009, o aeroporto de Luanda apresentava sérios constrangimentos por capacidade da infraestrutura nos desembarques. Eram fre-

quentes horas de espera pela bagagem. Por ser mais cómodo, recorri frequentemente ao desembarque com Protocolo do Aeroporto.

Em Janeiro de 2009, desembarquei pelo Protocolo e já com as minhas bagagens esperava o motorista. Subitamente notei muito movimento na porta de entrada do Protocolo e vi então várias pessoas que vestiam uma T-shirt onde se lia “Mamã Coragem”, com uma foto. Esse é um hábito angolano, quando morre alguém rapidamente se produz uma T-shirt com a foto e nome do falecido. Quando dei conta estava ladeada de mulheres que vestiam essa T-shirts e por dois fotógrafos, que não paravam de nos retratar. Não percebi. Passado um pouco, uma das mulheres perguntou-me se as queria acompanhar. Agradei, ainda sem perceber o que se passava e continuei à espera do motorista. No dia seguinte, a leitura dos jornais esclareceu o incidente. Tinha morrido, em Portugal, a líder do Partido Liberal Democrático, conhecida como Mamã Coragem, e o seu corpo foi transportado no avião em que viajei. No aeroporto, as mulheres que tiraram fotos comigo tinham pensado que eu viajara para acompanhar e homenagear a activista.

MULHERES CAMPONESAS

A apresentação pública de um estudo de impacte ambiental de uma barragem, em Andulo, província do Bié, também me reservaria uma surpresa, em Junho de 2011, de memorável gratidão. A sessão foi participada pelas autoridades tradicionais (que são chamadas de *sobas*) e pela população da cidade. No dia seguinte quis visitar a aldeia

da Muenga onde seria construída a futura barragem. Quando lá cheguei esperava-me um grupo de 20 mulheres. Nesse dia não foram trabalhar, na lavra, pois queriam conhecer-me, a mulher que estava à frente de uma mudança que ía interferir com a vida das suas famílias.

Nas áreas rurais, mulher não assume papéis de destaque na sociedade, daí que quando souberam que tinha sido uma mulher a apresentar o estudo de impacte ambiental para a barragem que se iria erguer na proximidade das suas casas e terrenos, organizaram-se. Nesse dia, não foram trabalhar na lavra e andaram quilómetros a pé para me conhecer. Fiquei emocionada.



Helena Leitão de Barros acompanhada de um grupo de mulheres da aldeia da Muenga, junto ao rio Cutato

Apenas uma mulher falava português e traduzia para as outras em Umbundo. Aproveitaram a oportunidade para conversarem comigo, não apenas sobre a barragem, mas também sobre as dificuldades que a mulher camponesa vive na área rural. Nesta aldeia, havia jovens com 16 anos que já eram casados e pais de família. Para sustentar a família partiam para procurar emprego fora da aldeia.

SAUDADE

O período em que participei em acções de formação ambiental foi de grande proximidade aos funcionários públicos angolano. As aulas estavam enquadradas em cursos dirigidos a funcionários dos ministérios angolanos, a técnicos dos governos provinciais e da administração municipal. Um dia, numa formação em Luanda, um formando, licenciado em História e que trabalhava no Governo Provincial do Uíge, no Norte de Angola, veio ter comigo no intervalo. O senhor Vasco contou-me que tinha muitas saudades de uns amigos que viviam em Portugal. Pedia-me que o ajudasse a encontrá-los. Deu-me um papel com os nomes dos dois amigos. Disse-lhe que ía tentar, mas não podia prometer nada.

Como estava a trabalhar em Angola, lembrei-me de fazer uma pesquisa na internet e consegui localizar um dos amigos do senhor Vasco. Era uma figura pública em Portugal, tinha sido deputado de um partido político (CDS), presidente de uma Câmara Municipal, para além de ter publicado um livro com as suas memórias africanas.

Pedi ajuda familiar, em Portugal, para tentar encontrar o amigo saudoso. A minha mãe, ao fim de várias tentativas conseguiu localizá-lo, mas não encontrou muito interesse. Pensei que o esforço tinha sido vão. Passados muitos meses telefona-me o senhor Vasco, pareceu-me que estava a ler um discurso de agradecimento, com pompa e circunstância. A princípio, não entendi. Afinal o senhor Vasco estava radiante, tinha recebido o livro escrito pelo amigo que não via há tantos anos, através de alguém do Uíge que tinha viajado até Portugal. Uma vitória partilhada, conseguimos manter viva uma amizade, apesar da distância no tempo e no espaço.

À PROCURA DE UMA MÃE

Vivi durante anos na Avenida 4 de Fevereiro, na marginal de Luanda, junto à baía de Luanda. Tinha por hábito fazer uma caminhada na baía, todos os fins de semana e, por vezes, ao final do dia.

Um dia, nessa caminhada, senti alguém a dar-me a mão. Era um menino de seis anos que me olhava com um grande sorriso. Chamava-se João, morava num terreno que existe na encosta abaixo do bairro do Miramar, com um irmão de 12 anos, eram órfãos. Caminhámos de mãos dadas até ao fim. Uns dias mais tarde, desta vez caminhando com uma colega, encontrámos quatro meninos que nos agarraram rapidamente as mãos. Eram amigos do João. A minha colega não se sentiu confortável e não quis andar de mão dada com nenhum deles. Eu só tinha duas mãos para dar. Apesar disso, os quatro meninos acompanharam-

nos. Contaram-nos que viviam juntos e que o João lhes dissera que tinha arranjado uma mãe. Todos eles queriam ter uma mãe. Fiquei sem palavras. Depois do passeio desse dia, não parava de pensar neles. Nunca mais os vi. Espero que tenham encontrado a mãe que tanto desejavam.

THIANGUALULO

Em Março de 2008, numa viagem que fiz ao Kuito, quando almoçava num restaurante da cidade, ao ar livre, conheci Thiangualulo. Tinha lá uma exposição de quadros seus, quase todos muito coloridos, como é habitual na pintura angolana. Um dos seus trabalhos atraíu a minha atenção. Era feito de vários materiais: borracha, plástico, tecido, esfregona, serrapilheira. Mas o artista Thiangualulo não mo queria vender. Não estava finalizado, dizia. Insisti, gostei do retrato de um caçador. Para mim parecia-me um anjo protector africano, pela tranquilidade que transmitia e passei a chamar-lhe Thiangualulo, o mesmo nome do seu criador.

Levei-o para casa e coloquei-o em frente à minha cama. Mais do que uma vez, concentrando-me nas imagens, vi nele diferentes africanos e africanas, com diferentes perfis e penteados, como flashes de fotografias. Em 2013, quando regressei a Portugal, ofereci-o a uma amiga angolana que gosta muito de artesanato. Mas não me esqueci nunca do Thiangualulo.



Thiangualulo

Agradeço aos angolanos ter aprendido uma nova dimensão do que é a Solidariedade entre as pessoas, pela constante disponibilidade em partilhar o que têm e em apoiar o mais próximo. Os oito anos que vivi no país fizeram-me conhecer comunidades com vida muito difícil e um sentido de interajuda muito presente, como uma forma natural de expressar que Somos Todos Um.



Helena Leitão de Barros

Helena Leitão de Barros é portuguesa, consultora ambiental e social, tendo trabalhado em Portugal, Angola e Cabo Verde, em várias empresas portuguesas, angolanas e multinacionais, em especial nas áreas de avaliação de impactes ambientais e gestão ambiental.

Possui mestrado em Transportes, pelo Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa (Portugal) e é licenciada em Planeamento Regional e Urbano pela Universidade de Aveiro (Portugal). Foi professora do Ensino Superior na Escola Náutica Infante D. Henrique (2001 a 2007) e na Universidade Independente de Angola (2009-20013).



Mozambique